UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASUL
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES CAMINHOS DO SERTÃO
UNIDADE AVANÇADA DE ITINGA DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

GISELLE DE SOUSA COSTA

A LITERATURA SANTOMENSE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO CULTURAL: Uma análise do conto *Leve, leve* (2017), de Olinda Beja

Itinga do Maranhão
2026

GISELLE DE SOUSA COSTA

A LITERATURA SANTOMENSE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO CULTURAL: Uma análise do conto *Leve, leve* (2017), de Olinda Beja

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, como requisito para obtenção de título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof. Me. Remy Pereira de Sales

Itinga do Maranhão
2026

C837l

Costa, Giselle de Sousa

A literatura santomense como espaço de resistência e afirmação cultural: Uma análise do conto Leve, leve (2017), de Olinda Beja. / Giselle de Sousa Costa. – Itinga do Maranhão, MA, 2026.

26 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2026.

1. Literatura africana. 2. Lusofonia. 3. São Tomé e Príncipe. I. Título.

CDU 37

Ficha elaborada pela Bibliotecária: **Jarina Serra Santos CRB – 13/953**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

GISELLE DE SOUSA COSTA

A LITERATURA SANTOMENSE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO CULTURAL: Uma análise do conto *Leve, leve* (2017), de Olinda Beja

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, como requisito para obtenção de título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

APROVADA EM: 13 / 06 / 2026

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
REMY PEREIRA DE SALES
Data: 19/06/2026 15:03:48-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Remy Pereira de Sales - Orientador
Mestre em Letras
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

gov.br Documento assinado digitalmente
FAUSTO RICARDO SILVA SOUSA
Data: 20/06/2026 11:13:14-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa
Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

gov.br Documento assinado digitalmente
FRANCISCA ERICA DOS SANTOS SOUZA
Data: 20/06/2026 10:48:37-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Ma. Francisca Érica dos Santos Souza
Mestra em Letras
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Àquilo que em mim escreveu antes mesmo de
eu escrever este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, cuja presença e infinita bondade têm me sustentado.

À minha mãe e ao meu irmão, por serem o lugar de onde venho e a força que me permite seguir.

A mim, que fui me construindo ao longo deste percurso.

À minha querida amiga Érica Barroso, por tudo o que sustenta a nossa amizade ao longo dos anos, marcada por companheirismo e força, e por estarmos juntas em cada fase da vida e do curso, especialmente nas mais desafiadoras.

Às minhas amigas Vitória e Anny, por viverem comigo este percurso acadêmico, entre desafios, trocas e tudo o que nos fez chegar até aqui.

Aos meus colegas de faculdade, pela convivência, pelas partilhas e pelo aprendizado construído coletivamente.

À professora Daiana Lima de Araújo, pela generosidade em compartilhar seu acervo pessoal, ampliando caminhos e possibilidades para este trabalho.

Ao meu professor orientador Remy Pereira de Sales, pela escuta atenta, pelas contribuições e paciência ao longo desta construção.

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte deste processo, contribuindo direta ou indiretamente para a realização desta etapa.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a examinar como a literatura de São Tomé e Príncipe se constitui como um espaço de resistência e afirmação cultural, considerando o histórico de colonização do país e a língua como um fator cultural, além de investigar a sua formação enquanto sociedade. A fim de atingir os objetivos, utilizou-se uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com base em revisão bibliográfica, guiada pelo método dedutivo, a partir de um referencial teórico consolidado sobre literatura, identidade cultural, lusofonia e globalização, visando compreender as manifestações de resistência e afirmação identitária presentes na produção literária santomense. As fontes de informação utilizadas englobam obras de autores como Candido (1995), Ferreira (1987), Hall (2006;2019), Mata (2015), entre outros que fundamentam a discussão. Com base nos resultados, foi possível perceber que a literatura tem um papel fundamental na preservação da cultura e na assimilação do conhecimento histórico do arquipélago, além de contribuir diretamente para a construção da identidade nacional do país e, desse modo, favorece um entendimento mais profundo e significativo da cultura local. Apesar de ser uma literatura escrita na língua do colonizador, atualmente a literatura santomense é marcada pelo tom de denúncia do período colonial e pós-colonial. Desse modo, destaca-se a relevância da literatura local como instrumento de preservação da história, aspectos sociais, culturais e linguísticos do povo de São Tomé e Príncipe.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura africana; Lusofonia; São Tomé e Príncipe.

ABSTRACT

This research aims to examine how the literature of São Tomé and Príncipe constitutes a space of resistance and cultural affirmation, considering the country's history of colonization and language as a cultural factor, while also investigating its formation as a society. To achieve these objectives, a qualitative, exploratory approach was employed, based on a bibliographic review guided by the deductive method. This study utilizes a consolidated theoretical framework on literature, cultural identity, Lusophony, and globalization to understand the manifestations of resistance and identity affirmation present in Santomean literary production. The information sources include works by authors such as Candido (1995), Ferreira (1987), Hall (2006; 2019), and Mata (2015), among others who ground the discussion. Based on the results, it became clear that literature plays a fundamental role in preserving culture and assimilating the historical knowledge of the archipelago, besides contributing directly to the construction of the country's national identity and, in this way, fostering a deeper and more meaningful understanding of the local culture. Although it is a literature written in the colonizer's language, contemporary Santomean literature is characterized by a tone of denunciation regarding the colonial and post-colonial periods. Thus, the relevance of local literature is highlighted as an instrument for preserving the history and the social, cultural, and linguistic aspects of the people of São Tomé and Príncipe.

KEYWORDS: African literature; Lusophony; São Tomé and Príncipe.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 METODOLOGIA 11

3 IDENTIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO LUSÓFONO PÓS-COLONIAL 12

3.1 Contexto histórico e cultural de São Tomé e Príncipe 13

3.2 Língua, colonialismo e tensões na literatura santomense 15

3.3 Literatura colonial e literatura africana de expressão portuguesa 18

4 A NARRATIVA DE OLINDA BEJA 19

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 23

REFERÊNCIAS 25

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca analisar de que forma a literatura de São Tomé e Príncipe expressa resistência e promove a preservação da história e identidade cultural do país dentro do contexto pós-colonial e da lusofonia. Sob essa ótica, busca-se compreender como a literatura se configura como um instrumento de resistência, reconstrução e valorização das identidades culturais, tornando-se fundamental para a manutenção das memórias e das vozes do arquipélago de São Tomé e Príncipe.

Segundo Antonio Candido (1995), a literatura pode ser entendida como um meio de produzir e preservar conhecimentos e culturas, além de exercer um papel importante na resistência, na conscientização e na humanização. Nesse sentido, ela vai além do aspecto estético, tornando-se também um instrumento de transformação social. Assim, em contextos como o de São Tomé e Príncipe, a literatura passa a atuar como uma forma de resistência simbólica, pois ao narrar, e resgatar memórias, contribui para reconstruir identidades historicamente silenciadas e fortalecer o chamado "direito à palavra" (Candido, 1995).

Partindo dessa perspectiva, a motivação para a escolha do tema se deu por considerar a literatura uma poderosa ferramenta de preservação da memória e identidade dos povos. Através da escrita literária, os países africanos lusófonos conseguem registrar suas experiências, tradições, lutas e valores culturais, ressignificando o passado e afirmando sua existência perante as marcas impostas pelo colonialismo. Estudar a produção literária desses países é também compreender como a palavra escrita se converte em memória viva, preservando histórias e modos de ser que, de outra forma, poderiam ser esquecidos.

Nesse sentido, a abordagem de Stuart Hall (2006;2019) contribui para compreender que as identidades culturais, especialmente em contextos africanos pós-coloniais, não são fixas, mas se constroem continuamente, em um processo de transformação. Para o autor, a identidade cultural é mais um "tornar-se" do que um "ser" (2006, p. 24), sendo "definida historicamente e não biologicamente" (2019, p. 12). Isso indica que culturas como a de São Tomé e Príncipe estão sempre em movimento, se reconstruindo e se reinventando ao longo do tempo, influenciadas pelas marcas do colonialismo e pelos desafios da globalização.

A globalização é entendida por Hall (2019) como um processo característico da modernidade tardia que provoca mudanças profundas nas identidades culturais, muitas vezes deslocando-as. Embora não seja um fenômeno novo, suas formas mais atuais e intensas vêm gerando transformações que influenciam diretamente a construção das identidades nacionais.

Além disso, Bhabha (1998) amplia essa reflexão ao propor que a construção das identidades em contextos pós-coloniais ocorre em um espaço de fronteira, denominado pelo autor como "entrelugar" ou terceiro espaço. Nessa perspectiva, a literatura de São Tomé e Príncipe não pode ser entendida apenas como uma reprodução dos modelos culturais impostos pela colonização, nem como um simples retorno a um passado considerado puro e imutável. Ela se constrói justamente nesse espaço intermediário, marcado por diálogos, tensões e processos de hibridização, nos quais as experiências históricas são constantemente reinterpretadas e transformadas em formas de resistência, afirmação identitária e valorização cultural.

Nesse cenário de mudanças identitárias e de relações culturais marcadas por desigualdades, torna-se relevante investigar como as nações periféricas recorrem à literatura para manter vivas as suas memórias e fortalecer suas identidades. Nesse sentido, este trabalho foi guiado pela seguinte problemática: de que forma a literatura de santomense expressa resistência e promove a preservação da história e da identidade cultural do país dentro do contexto pós-colonial e da lusofonia?

Para responder a essa questão, o estudo objetivou analisar como a literatura de São Tomé e Príncipe reflete a história e a cultura do país, atuando como instrumento de resistência e preservação da identidade nacional, considerando seu histórico de colonização e a língua como um fator cultural. Portanto, pretendendo chegar ao resultado esperado, foi necessário: investigar o contexto histórico e cultural de São Tomé e Príncipe, destacando os efeitos da colonização portuguesa na formação da identidade nacional e na produção literária; analisar, no conto *Leve, leve* (2017) de Olinda Beja, como a literatura santomense expressa resistência e valoriza a identidade cultural; ampliar o debate sobre a diversidade das literaturas africanas de língua portuguesa.

A escolha do país se deu pelo interesse em ampliar a visibilidade da literatura santomense[1], ainda pouco explorada nos estudos literários em língua portuguesa. Frequentemente, a crítica literária e o meio acadêmico concentram-se em produções de Angola, Moçambique e Cabo Verde, enquanto São Tomé e Príncipe, apesar de possuir uma rica e significativa produção literária, tem suas produções pouco exploradas dentro da lusofonia. Nesse sentido, investigar essa literatura contribui para o reconhecimento de sua importância e

[1] Neste trabalho, opta-se por utilizar o termo "literatura santomense" para se referir especialmente à produção literária realizada por autores nativos de São Tomé e Príncipe. A expressão "literatura de São Tomé e Príncipe", embora amplamente utilizada, pode abarcar obras de escritores não nativos do arquipélago. Assim, o uso do termo "santomense" busca delimitar o corpus e enfatizar a perspectiva interna de resistência cultural que orienta a análise.

para o fortalecimento de debates sobre identidade cultural, memória e resistência nas literaturas africanas.

A relevância deste trabalho reside em contribuir para os estudos literários de língua portuguesa, ampliando o olhar sobre as produções africanas menos difundidas e valorizando novas perspectivas dentro do campo da lusofonia, bem como promover o reconhecimento das vozes e histórias africanas, incentivando a valorização da diversidade cultural e o respeito às identidades que compõem o mundo lusófono. O estudo também contribui para ampliar o repertório dos profissionais de Letras quanto às literaturas africanas, oferecendo subsídios teóricos para trabalhar em sala de aula questões sobre língua, identidade, cultura e pós-colonialismo.

2 METODOLOGIA

A forma de abordagem utilizada nesse estudo foi o método dedutivo, que segundo Marconi e Lakatos (2017), parte de princípios universais para chegar a conclusões particulares, sendo adequado quando se busca interpretar fenômenos específicos à luz de fundamentos teóricos amplos. Dessa forma, a investigação foi desenvolvida a partir de um referencial teórico consolidado para o estudo. A pesquisa se caracteriza como bibliográfica, que "[...]é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos (Marconi e Lakatos, 2017, p. 57)." Dessa forma, a pesquisa bibliográfica permitirá os procedimentos de coleta de dados e embasamento teórico necessário para a análise.

As fontes de informação utilizadas englobam obras de autores como Bhabha (1998), Candido (1995), Ferreira (1987), Hall (2006;2019) e Mata (2015), entre outros que fundamentam a discussão sobre literatura, identidade cultural, lusofonia e globalização. Quanto à natureza dos dados, a pesquisa é qualitativa, por se propor a compreender os sentidos e as representações culturais construídos na literatura santomense. Em relação aos objetivos, a pesquisa é exploratória, já que visa proporcionar maior familiaridade com o tema e ampliar o conhecimento sobre uma literatura ainda pouco estudada. Sendo assim, este trabalho se propôs a interpretar as manifestações de resistência e afirmação identitária presentes na literatura de São Tomé e Príncipe.

Para entender melhor a trajetória histórica e a formação cultural desse país lusófono, a análise da literatura de São Tomé e Príncipe foi organizada em dois períodos importantes: a literatura colonial e a literatura africana de expressão portuguesa (Ferreira, 1987). No entanto,

o maior enfoque foi dado ao segundo período de produção literária do arquipélago, sendo o corpus do trabalho a análise do conto *Leve, leve* (2017) de Olinda Beja, a fim de reconhecer como são tratados os sentidos de identidade e resistência nessa narrativa, além de servir como base para relacionar a teoria à prática literária.

A delimitação do corpus concentrou-se na obra *Chá do Príncipe* (2017) por sua relevância no contexto contemporâneo das literaturas africanas de língua portuguesa. Trata-se de uma das poucas obras santomenses que têm alcançado maior circulação no meio acadêmico e que chegam ao Brasil. A escolha do conto deve-se ao seu potencial de análise, uma vez que a narrativa reúne elementos que evidenciam as relações entre a herança colonial e as formas de preservação cultural em um contexto globalizado. Dessa forma, o texto constitui um recorte para compreender como a memória coletiva, a oralidade e as marcas linguísticas atuam como mecanismos de resistência e afirmação identitária em São Tomé e Príncipe.

A análise do conto foi dada a partir de recortes de trechos específicos da narrativa, tendo em vista que, por se tratar de um artigo acadêmico, não contemplaria a longa discussão acerca das temáticas existentes. Sendo assim, destacamos a memória e a oralidade como elementos que compõem a identidade cultural santomense e que aparecem como forma de resistência no conto apresentado neste trabalho.

3 IDENTIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO LUSÓFONO PÓS-COLONIAL

A literatura de São Tomé e Príncipe, embora menos difundida que a de outros países africanos de língua portuguesa, representa um espaço de resistência e de preservação da memória coletiva. Em um contexto marcado pela colonização e pelos impactos da globalização, a produção literária santomense assume o papel de resgatar e reafirmar a identidade nacional, contrapondo-se à tendência de apagamento cultural que atinge muitas sociedades pós-coloniais (Hall, 2019).

O acelerado processo de globalização contribuiu não apenas para as chamadas Grandes Descobertas, mas também para o cenário moderno, em que o contato entre diferentes culturas já não depende exclusivamente da integração territorial. Como afirma Hall (2019), há mais possibilidades de construção de identidade nos centros do sistema global do que nas regiões periféricas. Isso mostra que as trocas culturais ainda acontecem de forma desigual, como já ocorria desde o início da globalização e continua na modernidade tardia.

Tal dinâmica afeta diretamente as formas de relação entre os povos e intensifica a comercialização e a difusão de elementos culturais provenientes, sobretudo, das grandes potências econômicas, enquanto as nações de menor influência econômica, social e literária têm suas vozes abafadas e suas manifestações culturais frequentemente subvalorizadas:

> Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas" – como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (Hall, 2019, p. 42).

Embora a globalização, com sua rápida circulação de informações, represente em muitos casos um avanço, o contato constante com culturas dominantes pode acabar prejudicando a preservação de tradições e expressões culturais africanas (Mata, 2015). Essa relação, que nem sempre acontece de forma equilibrada, tende mais a impor certos padrões do que promover uma troca cultural justa, fazendo com que valores e práticas estrangeiras se sobreponham às identidades culturais locais. Queiroz (2009, p. 170) afirma que a

> situação de invisibilidade a que está relegado o continente africano diante do cenário mundial globalizado que vem servindo para reforçar o desinteresse, a desinformação e, consequentemente, o preconceito em relação às manifestações culturais e artísticas de seus povos, o que também compromete o conhecimento, a apreciação e o estudo de sua expressão literária.

Em um mundo globalizado, as relações linguísticas e culturais ainda refletem desigualdades, em que as produções africanas, mesmo sendo diversas e potentes, continuam à margem no cenário internacional (Mata, 2015).

Partindo desse pressuposto, e considerando o contexto atual da globalização, marcado pela intensa circulação de informações e pela constante troca cultural, é fundamental ampliar as discussões sobre as literaturas subvalorizadas (Queiroz, 2009). Destacam-se, nesse sentido, as literaturas santomenses produzidas em línguas crioulas e as de expressão portuguesa, que têm um papel importante na preservação das culturas e identidades, ainda que possuam menor alcance.

3.1 Contexto histórico e cultural de São Tomé e Príncipe

O panorama geral da formação do arquipélago de São Tomé e Príncipe é traçado, nesta pesquisa, a partir da obra *São Tomé e Príncipe: a invenção de uma sociedade* (2000), de Isabel

Castro Henriques. Nesta obra, a autora aborda com detalhes os processos de formação histórica e cultural do arquipélago e sua constituição enquanto sociedade.

A República Democrática de São Tomé e Príncipe está situada no Golfo da Guiné, na costa ocidental da África Central, e é composta por duas ilhas principais que formam um só Estado. É o segundo país com menor população do continente africano, com cerca de 200 mil habitantes, e também o menor país que tem o português como língua oficial, de acordo com os dados fornecidos pelo INE STP (Instituto Nacional de Estatística) no ano de 2024.

As ilhas foram descobertas pelos portugueses João de Santarém e Pedro de Escobar, entre 1470 e 1471, mas a colonização efetiva só ocorreu em 1493. Segundo Seibert (1995, p. 240), "na altura da chegada dos Portugueses fins do século XV, o arquipélago muito provavelmente não nos era habitado. Os primeiros moradores eram colonos portugueses, crianças judias, degredados e escravos do continente africano". Nesse contexto, os colonizadores, incentivados pela Coroa portuguesa, mantiveram relações com as mulheres escravizadas capturadas na costa africana, com o objetivo de aumentar a população da colônia, que ainda era muito pequena.

Assim, o primeiro grupo de nativos santomenses era composto "de uma mestiçagem luso-africana (filhos dos donos de engenho com as escravas negras) e inter-africana (inter-étnica)" (Mata, 1998, p. 19). Henriques (2000) aponta que esses mestiços eram chamados de "mulatos" e considerados filhos da terra, configurando uma sociedade que não era nem puramente europeia, nem puramente africana, mas marcada por essa mistura constitutiva.

Essa sociedade, formada por colonos portugueses e negros trazidos de diferentes regiões da África, como Angola, Cabo Verde e Moçambique, era sustentada com base no trabalho escravizado e pela produção de cana-de-açúcar, atividade que predominou até o final do século XVI. Depois disso, o arquipélago passou a assumir um novo papel, destacando-se como entreposto no tráfico de pessoas escravizadas. Já no século XIX, a dinâmica econômica se reorganiza, e o café e o cacau, cultivados nas roças, se tornam os principais produtos agrícolas. Todo esse processo de colonização implicou profundas mudanças na organização física e geográfica do espaço. O poder colonial, obedecendo às ordens da metrópole, passou a exercer um controle intenso nas dimensões econômica, política e social, além de contribuir para a precarização da terra e das condições de vida das camadas mais vulneráveis da população (Henriques, 2000).

Em 1875, com a abolição da escravatura, foi implantado o regime de contratados, no qual pessoas negras eram formalmente contratadas para trabalhar nas roças. Apesar da mudança jurídica, as condições de trabalho mantinham fortes traços de exploração. Ao longo de

aproximadamente cinco séculos de colonização portuguesa, ocorreram diversas revoltas, mas a falta de articulação e organização mais ampla impediu que esses movimentos tivessem êxito. Somente em 1960 que surgiu uma oposição mais estruturada ao domínio português. Nesse contexto, formou-se o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), que desempenhou papel fundamental no processo de independência do país, conquistada em 12 de julho de 1975.

Quando se trata de um país com uma trajetória tão singular quanto São Tomé e Príncipe, a discussão sobre identidade se torna ainda mais autêntica e complexa. Desde sua formação, o arquipélago foi marcado pela confluência de diferentes culturas, como a portuguesa e a de diversos povos imigrantes, sendo povoado majoritariamente por colonizadores portugueses a partir do século XV. Essa diversidade de origens contribuiu para a constituição de uma cultura híbrida e plural, o que refletiu também na língua e na literatura, como discutido no subtópico seguinte.

3.2 Língua, colonialismo e tensões na literatura santomense

O colonialismo português deixou marcas profundas nas línguas faladas em São Tomé e Príncipe. Como afirma Ferreira (1989), “o colonialismo é a negação da personalidade do outro. [...] Altera os hábitos sociais, [...] impõe novos padrões de cultura e substitui a língua”. O povo santomense sentiu isso na pele, visto que as línguas crioulas são uma mescla das línguas africanas com a língua portuguesa. Essa influência também reflete na literatura do país que, embora em sua segunda fase se caracterize pela origem e expressão africanas, ainda é majoritariamente escrita na língua do colonizador.

A literatura africana de expressão portuguesa, segundo Ferreira (1987), nasce de um conflito entre a herança colonial e o desejo de autodeterminação. Por isso, essa produção atua como forma de afirmação e denúncia, em que a escrita aparece como um gesto de libertação, ajudando a despertar consciências e a valorizar a dignidade dos povos africanos. Sob esta ótica, é possível analisar como a língua portuguesa foi tanto instrumento de dominação quanto meio de resistência cultural, funcionando como um espelho e instrumento de reconstrução do eu coletivo.

Conforme Noa (2015, p. 15) ao se referir às literaturas africanas que, por terem surgido “em situação de domínio colonial acabaram [...] por fazer da escrita não só um ato cultural, mas também político”, entende-se que a língua portuguesa foi ressignificada por meio da literatura,

que possibilita a preservação dos aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e linguísticos de um povo, conforme aponta Sevcenko (1989, p. 246):

> a produção literária revela todo o seu potencial como documento, como uma instancia complexa, repleta das mais variadas significações que incorpora a historia em todos os seus aspectos.

Nessa perspectiva, a apropriação e a ressignificação da língua portuguesa no contexto santomense podem ser compreendidas a partir do conceito de mimetismo (*mimicry*), desenvolvido por Bhabha (1998). Segundo o autor, embora o poder colonial buscasse impor sua língua e seus padrões culturais aos povos colonizados, esse processo não resultou em uma simples reprodução de modelos. Ao utilizarem a língua portuguesa em suas produções, os escritores africanos incorporam elementos de suas próprias experiências, tradições e formas de expressão, transformando a língua em um espaço de criação e resistência. Assim, a língua que antes esteve associada à dominação colonial passa a ser ressignificada e utilizada como instrumento de afirmação cultural.

Nesse sentido, a literatura santomense em língua portuguesa evidencia como os sujeitos colonizados reinterpretam e transformam o que foi herdado da colonização. Ao discutir essas relações entre cultura, tradução e resistência, Bhabha (1998, p. 20) afirma que:

> O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Diante disso, percebe-se que os escritores de São Tomé e Príncipe atuam justamente nesses espaços de negociação cultural discutidos por Bhabha (1998). De acordo com Orlando Piedade (2025), um dos nomes mais ativos da nova geração na produção literária santomense atual, a língua portuguesa é utilizada para divulgar a história do arquipélago e exaltar a insularidade africana. É neste espaço em que os escritores dão voz aos esquecidos, o que reafirma o papel da língua como "território de memória" (Piedade, 2025), e promovem a história e cultura nacional. É necessário, portanto, perceber a língua portuguesa em suas diferentes vertentes, enquanto um organismo vivo, nos diferentes espaços em que ela é concebida (Piedade, 2025).

Essa reflexão mostra que a lusofonia é um espaço marcado por diferentes identidades que dialogam entre si, mas também por tensões históricas e desigualdades herdadas do

colonialismo. Ao definir esse espaço como um "compromisso de alteridades", Mata (2015, p. 123) destaca que a lusofonia não deve ser vista como algo homogêneo, mas como um conjunto diverso de culturas que compartilham a língua portuguesa, embora a vivenciem de maneiras diferentes.

Nessa perspectiva, a língua funciona ao mesmo tempo como um elemento de união e como um reflexo das desigualdades presentes no espaço lusófono:

> [...] poder-se-ia falar da *lusofonia* como um compromisso de alteridades, de múltiplas identidades históricas unidas por um sentimento de pertença a *outras* entidades de matriz colonial, que se internacionalizam pela língua portuguesa. Esse processo, num mundo globalizado, pode influenciar a rede permeável de relações de hegemonia em termos linguísticos e culturais (decorrentes de relações de poder económico), em que não apenas os agentes como os produtos são diferentes, e, por essa diferença, secundarizados, no jogo de forças mundial (Mata, 2015, p. 123).

O conceito do termo lusofonia surgiu como consequência da globalização e tem sido bastante discutido por reunir, ao mesmo tempo, a ideia de união e de tensão entre os países de língua portuguesa. Apesar de ser usado por praticidade e por remeter a uma história e a uma língua em comum, ele também traz algumas contradições, já que pode passar a ideia de uma unidade linguística que, muitas vezes, acaba se sobrepondo às identidades culturais e regionais próprias de cada país. Mata (2015, p. 127) diz que

> Apesar de ser ainda muito discutido, o termo *Lusofonia* continua também a ser largamente utilizado, quer nos espaços de língua portuguesa quer fora dele, tanto por ser, dizem os seus defensores, um termo com uma enorme economia linguística quando por designar um conjunto de países que partilham a mesma história. Esta última percepção decorre da ideia de a comunhão linguística se sobrepõe a outras afinidades que convergem para a afirmação identitária, que, a julgar pela construção ideológica do "império da língua", se realiza além da plenitude das outras pertenças que esses países e povos têm, tendo em conta a região em que se inserem e a história que partilham com outras comunidades, para além da colonial [...].

Sob essa ótica, a lusofonia pode ser entendida não só como um espaço de conexão, mas também como uma construção que ainda carrega marcas do passado colonial. Por isso, é importante analisa-la de forma crítica, pensando em como a língua portuguesa funciona ao mesmo tempo como um elo entre os povos e como um instrumento de poder nessas relações. Nesse sentido, ao reconhecer a lusofonia como um "compromisso de alteridades" (Mata, 2015, p. 123), abre-se espaço para repensar essas relações, valorizando o diálogo entre as culturas e fortalecendo vozes que historicamente foram deixadas de lado, como a de São Tomé e Príncipe.

Embora as línguas crioulas desempenhem um papel essencial na construção da identidade linguística santomense e sejam amplamente faladas pela população nativa, o

português consolidou-se, desde a independência em 1975, como a língua oficial do país. Apesar da diversidade linguística presente no arquipélago, a produção literária é predominantemente de expressão portuguesa, havendo ainda um número reduzido de obras escritas nas línguas de origem africana, como o forro e o angolar.

3.3 Literatura colonial e literatura africana de expressão portuguesa

A literatura de São Tomé e Príncipe é dividida em dois períodos principais: o da literatura colonial e o da literatura africana de expressão portuguesa. No século XIX, as primeiras produções literárias do arquipélago foram majoritariamente escritas por autores portugueses, brancos ou mestiços, e, em grande parte, centravam-se na figura do homem branco europeu. Tratava-se de uma literatura que, embora exaltasse o território santomense, relegava as culturas africanas a uma posição marginal, refletindo a perspectiva colonial dominante da época. Segundo Ferreira (1987, p. 10):

> A literatura africana chama a si mais de um século de existência. Este longo período de mais de um século de actividade literária está, porém, contido em duas grandes linhas: a literatura colonial e a literatura africana de expressão portuguesa. A primeira, a literatura colonial, define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano. No contexto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente e, quando tal acontece, é já um avanço, porque a norma é a sua animalização ou coisificação. O branco é elevado à categoria de herói mítico, o desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior.

Somente a partir de 1942 a literatura de São Tomé e Príncipe passou a incorporar uma perspectiva de identidade africana, rompendo com o caráter colonial e assumindo um papel de denúncia e resistência por meio da voz dos próprios escritores santomenses. A partir desse momento, a autoria literária deixa de pertencer ao olhar europeu e passa a expressar a vivência e a consciência do povo nascido naquela terra (Ferreira, 1987).

Tal literatura apresenta temas nacionalistas e de denúncia político-econômica como forma de reivindicação dos direitos do povo de São Tomé e Príncipe, constituindo-se elemento essencial para a manutenção e afirmação da cultura e da identidade nacional do país, e atuando como um espaço de reconstrução simbólica, no qual vozes historicamente silenciadas encontram meios de expressão e resistência.

Isso se expressa na revalorização da oralidade, dos mitos, das tradições, elementos que se tornam meios de projetar a identidade nacional por meio da memória coletiva, que segundo Le Goff (1990, p. 449), “é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto

de poder". Neste contexto, essa literatura manifesta-se por meio de romances, contos e poesias, e a partir dessas produções é possível que tradições e vivências do passado sejam transmitidas de forma sensível e bela, garantindo o acesso ao conhecimento e contribuindo para a preservação da memória cultural e histórica do país lusófono.

A partir disso, foi selecionado o conto como o gênero para a análise das expressões de resistência e afirmação cultural, por valorizar algo que é muito central na literatura santomense, isto é, a língua e a forma de falar do povo. Assim, o conto é o gênero que permite observar com detalhes do cotidiano a preservação identitária, os costumes, o registro da fala, trabalhando com a descrição e o cenário, e dessa forma, é possível perceber a resistência diante do risco de apagamento cultural no mundo globalizado.

4 A NARRATIVA DE OLINDA BEJA

Olinda Beja é uma escritora santomense que possui um total de vinte obras publicadas, sendo doze livros de poesias, dois romances, três livros de contos, e mais três de literatura infantil. Sua produção literária é a mais extensa do arquipélago, sendo parte das poucas literaturas santomenses de língua portuguesa que chegam ao Brasil.

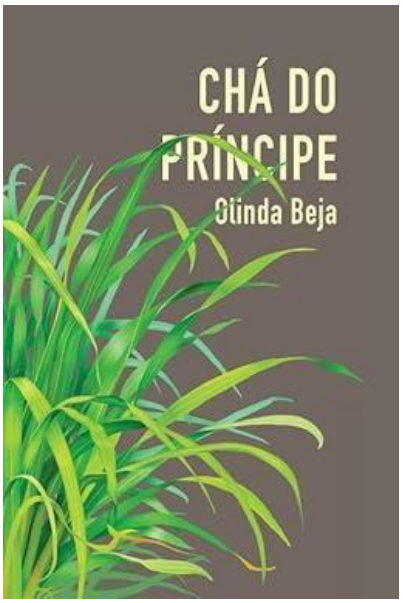
Apesar de atualmente não morar em São Tomé e Príncipe, sua produção literária segue sendo uma das mais vastas e extensas. Isso se dá porque o acesso às editoras fora do arquipélago possibilita a publicação de suas obras. Embora esteja fora do arquipélago há muitos anos, sua produção segue voltada para seu país de origem, valorizando a cultura e história do país. Além disso, suas obras apresentam uma identidade visual que celebra a cultura insular e a presença da língua forro como valorização da identidade.

O livro *Chá do Príncipe* (2017), publicado pela editora Rosa de Porcelana, é uma coletânea com 22 contos, que mostram a cultura, as lendas e as memórias do dia a dia do povo de São Tomé e Príncipe. A obra se destaca pela linguagem poética e por valorizar a ancestralidade e a tradição oral africana. Além disso, recentemente, a obra passou a ter maior evidência no Brasil, especialmente por fazer parte das leituras exigidas pela COMVEST (UNICAMP).

A capa da obra *Chá do Príncipe* traz a imagem de uma erva que não está ali por acaso. Ela faz referência a um costume muito comum em São Tomé e Príncipe, o hábito de tomar chá, algo comum no cotidiano das pessoas: "a minha mãe todos os dias me dizia: agora é hora pra tomar o chá, o chá do príncipe" (Beja, 2017). Mas esse chá não representa só um hábito

cotidiano, ele também simboliza um momento de encontro e partilha. É durante esse tempo que as pessoas conversam, contam histórias e mantêm vivas as memórias e tradições.

Figura 1: Chá do Príncipe (2017).



Fonte: https://www.google.com/imghp?hl=pt-BR&tab=ri&ogbl.

Assim, a imagem da erva na capa acaba representando tanto a cultura local quanto esse espaço de convivência, onde histórias são transmitidas e passam a fazer parte da forma como as ilhas são imaginadas (Scarton, 2023, p. 70). Nesse sentido, o título da obra revela um aspecto importante na escolha da identidade visual, pois dialoga diretamente com a imagem da erva e com o significado simbólico do chá dentro da cultura santomense.

Vale destacar que cada narrativa do livro é precedida por provérbios na língua crioulo forro, acompanhados de tradução para o português, funcionando como epígrafes. Conforme aborda Scarton (2023, p. 68), desde o início, com a tentativa de impor o português como língua oficial, houve um esforço para apagar as línguas dos povos originários e, com isso, enfraquecer a cultura africana, mas esse plano não se concretizou totalmente. Prova disso é o crioulo forro, que se consolidou como uma importante língua de transmissão em São Tomé e Príncipe e aparece com frequência na obra da autora:

> Em Olinda Beja, identificamos a língua portuguesa como central na escrita dos contos. O forro, por sua vez, enquanto manutenção da tradição oral, é envolvido por personagens que se dedicam ao compartilhamento de *sóias*, indo ao encontro da tradição e da representação do dialeto que nasceu da resistência (Scarton, 2023, p. 68).

O livro traz ainda um glossário que explica esses termos, sendo um recurso bastante presente na literatura africana de língua portuguesa, como forma de evidenciar que, embora o

português seja a língua oficial, a expressão que emerge dessas narrativas é, essencialmente, santomense (Santos, 2019, p. 37). Deste modo, mais do que um apoio ao leitor, o glossário funciona como um instrumento de valorização da identidade cultural presente na obra.

O conto *Leve, leve* inicia com um provérbio em crioulo "Uá gostô, pasá Kwatlu vinté", que é traduzido em seguida para "Um gosto vale mais que dinheiro" (Beja, 2017, p. 60). Aqui, a língua aparece como um elemento importante na recuperação das origens e na afirmação identitária, como aponta Scarton (2023, p. 59):

> O uso da língua portuguesa não é negação das matrizes africanas dessa literatura, e sim a possibilidade de um maior alcance da língua materna que está incluída nessa literatura, comprometida, assim como todo um rol de representações que possibilitam conhecer as ilhas e a sua cultura. Esse movimento de trazer essas manifestações atreladas ao léxico crioulo é de suma importância para o conhecimento e reconhecimento dessa língua, enquanto parte da cultura santomense.

Logo no início do conto, o termo "leve, leve" é destacado como "a mais bela frase da nossa língua" não por estar falando só de palavras, mas sim de um jeito de ser. Essa expressão representa uma atitude mais calma diante da vida:

> "Leve, leve" ... é esta a mais bela frase da nossa língua "santomé" nascida e cruzada com aromas de rosmaninho, pinheiro bravo e sons estridentes que nossos outros antepassados trouxeram do umbigo da terra-mãe, nossa ancestral *mater*. Uma graciosidade, um roçar de ave do paraíso, uma resposta sempre digna para quem sofreu nas garras de imensos abutres que foram palmilhando e surrupiando o húmus fértil da ilha, uma frase de alento, de confiança, de sorriso sempre pronto ao canto da boca... (Beja, 2017, p. 60).

Um traço forte de resistência aparece quando o narrador fala dos "abutres" como uma metáfora para o processo de colonização; a resistência aparece como uma postura diante da dor. A expressão "leve, leve" vira uma forma de resistir, o povo mantém a dignidade e continua sorrindo sem perder a esperança mesmo depois de períodos de lutas. A expressão carrega não só a ideia de mansidão, mas também o papel de manter viva a cultura santomense, mostrando quem é o povo, seus costumes, quem vive no arquipélago: "foi a frase que nos projetou no dicionário da vida temperada de riso e mágoa, maresia e vento sul, bocejos em tardes quentes, barulhinhos ligeiros na pronúncia vinda do mais profundo sentimento de nossos avós..." (Beja, 2017, p. 60).

Além disso, quando menciona que essa língua nasceu misturada com elementos de diferentes origens, o conto mostra que a identidade santomense é construída a partir de diferentes povos e culturas, profundamente ligados à ancestralidade, o presente está ligado ao

passado, a cultura atual carrega marcas de quem veio antes e a língua guarda histórias e experiências ancestrais. Assim, entende-se que a identidade santomense é resultado de encontros históricos, o que dialoga com a ideia de Hall (2019, p. 12) de que "identidade é definida historicamente [...]". A memória aqui não é só lembrança, ela está viva nos sons da língua, nas expressões, no modo de ver o mundo, ela vive na linguagem e na ligação com os antepassados.

Essa relação com o passado e com as diferentes origens que compõem a população do arquipélago evidencia o hibridismo cultural característico das sociedades pós-coloniais, conforme discutido por Bhabha (1998). Ao incorporar elementos do crioulo forro e referências à ancestralidade africana em um texto escrito em língua portuguesa, Olinda Beja constrói uma narrativa situada nesse espaço de encontro entre diferentes culturas. Nesse sentido, a linguagem do conto revela como a identidade santomense é construída a partir do diálogo entre distintas heranças culturais, demonstrando que sua força está justamente na capacidade de ressignificar experiências históricas e transformá-las em forma de resistência e afirmação identitária.

No trecho seguinte, a autora faz um desabafo sobre como as pessoas de fora, especialmente jornalistas, acabam distorcendo o sentido das expressões locais. Algo que antes era bonito e cheio de esperança passa a ser visto como ruim ou até motivo de piada. Isso mostra um apagamento cultural quando quem vem de fora não entende o valor de uma tradição e a trata como algo inferior:

> Infelizmente algumas pessoas mal formadas e também certos jornalistas estrangeiros começaram a deturpar e a dar sentido pejorativo a uma frase nascida de um sopro de vento! [...] O certo é que de frase graciosa e esperançosa se nota nos tempos que correm uma desatualização que até a própria juventude parece querer abraçar (Beja, 2017, p. 60-61).

Enquanto o trecho anterior trata da cultura ser mal interpretada, no trecho a seguir mostra a cultura acontecendo no dia a dia:

> Lembro-me com ternura de minha mãe estar sentada no banco da cozinha em Batepá a preparar as refeições sobretudo o pequeno almoço e, entre gargalhadas sonoras, fazer uma cantilena amorosa com as vizinhas que iam passando no caminho com destino a Monte Café, Morgão, Molembu, Albertina. E aquele som da resposta final que era sempre o "leve, leveeeee. " ficava suspenso no ar morno da manhã como uma benção divina (Beja, 2017, p. 61).

É possível observar a celebração da identidade santomense através dos afetos do cotidiano, transformando memórias simples em um escudo contra o preconceito. Ao descrever o som das vozes e o eco do "leve, leve" como algo divino, Olinda Beja resgata o verdadeiro

orgulho de pertencer àquela terra. Além disso, cada nome citado para a construção do espaço geográfico carrega uma história profunda. Batepá evoca a memória da resistência ao massacre colonial de 1953, enquanto Monte Café simboliza a tradição agrícola e a vida nas roças que moldaram a economia das ilhas.

Ao trazer estes lugares para uma cena simples, de convivência familiar e afeto, a autora deixa de trata-los apenas como pontos históricos ou turísticos e os reconta com o próprio povo. Assim, ela reforça que a identidade santomense nasce da ligação com a terra e das relações entre as pessoas no dia a dia.

No último trecho selecionado, é possível analisar que o “leve, leve” vai além de um modo de falar, é um sentimento que envolve tudo:

> E todo o sentimento era leve leve numa sincronia de palavras e de sons que se dispersavam na estrada barrenta até ficarem imperceptíveis na copa das fruteiras esperando pelo dia seguinte em que voltavam a ter a vida na ladainha matinal entre a cozinha e o caminho das roças. Aquilo que saía das bocas vinha do coração, era sentido com amor e com alento (Beja, 2017, p. 61).

A autora descreve as palavras e conversas se espalhando pela estrada de terra e alcançando o topo das árvores, como se a cultura e a natureza das ilhas estivessem totalmente ligadas. Ao mencionar a “ladainha matinal” entre a cozinha e o caminho para o trabalho nas roças, a autora revela que a vida em São Tomé e Príncipe tem um ritmo próprio, que se repete todos os dias com afeto e resistência.

De modo geral, o conto aborda que o que o povo santomense expressa vem de dentro, de forma verdadeira. Assim, enquanto o mundo de fora pode ser corrido e complicado, a identidade santomense se fortalece justamente na simplicidade, na sinceridade dos sentimentos e na ligação profunda com a própria terra. Ao dar voz às experiências do cotidiano, a narrativa se torna também um ato de resistência, mostrando que preservar a cultura e os modos de viver é uma forma de afirmar quem se é diante das influências externas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante da predominância da língua do colonizador, a literatura santomense revela-se como espaço de resistência, denúncia e afirmação cultural. Ela permite preservar e transmitir as experiências, os valores e as memórias coletivas de um povo cuja identidade foi, por séculos, silenciada. Assim, a literatura de São Tomé e Príncipe não apenas narra a história

do país, mas também reafirma sua soberania cultural e sua voz no contexto da lusofonia e da literatura africana de expressão portuguesa.

O apagamento cultural se dá pela literatura não valorizada, que vai se perdendo pela falta de editoras, as gerações mais velhas vão desaparecendo e com elas as memórias e parte da cultura, visto que não são eternizadas por meio da escrita e divulgação. Além disso, essa literatura tem pouco reconhecimento e um difícil acesso, o isolamento geográfico e a falta de políticas do livro também afetam a circulação das obras, conforme é discutido por Mata (2023). Por este viés, se a lei obriga o estudo de literatura africana e não se tem o estudo da literatura de São Tomé e Príncipe, promovendo apenas os mesmos países africanos, como Angola, Moçambique e Cabo-Verde, a literatura santomense se perde, as poucas obras existentes se desgastam e são invisibilizadas em detrimento das outras.

Somado a isso, essa literatura enfrenta dificuldades quanto à falta de editoras para a expansão da produção literária, a circulação interna de livros e o surgimento de novas editoras locais enfrentam desafios econômicos profundos. No entanto, com base nas informações da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) para o período de 2024/2025, a circulação do livro e a promoção da leitura no espaço lusófono têm sido alvo de iniciativas focadas na cooperação técnica, criação de redes e transição para o formato digital, visando um maior alcance e disseminação da produção literária do arquipélago de São Tomé e Príncipe.

Tais ações reforçam a ideia de que se por um lado a globalização na atualidade pode contribuir para o sufocamento da cultura das minorias, não é impossível que haja contribuição como uma ferramenta de propagação de conhecimento e combate à desinformação a respeito dos países de cultura africana. Emerge daí a relevância da literatura como meio de preservação, divulgação e valorização dessa significativa parcela da história, marcada pelas raízes africanas trazidas por povos oriundos de diferentes regiões do continente para o povoamento das ilhas de São Tomé e Príncipe.

A relevância deste estudo reside na urgência de tratar das literaturas africanas que enfrentam processos de invisibilização. Dessa forma, analisar a história, cultura e identidade do arquipélago de São Tomé e Príncipe por meio da literatura, que é capaz de resistir ao tempo, contribui não apenas para a sua preservação, mas também para a visibilidade e disseminação do conhecimento e da produção literária do país.

Destarte, este trabalho contribui para futuras pesquisas no meio acadêmico e para uma atuação docente que leve em consideração as culturas africanas que enfrentam a marginalização. Além disso, contribui para a promoção de uma aprendizagem crítica capaz de

refletir sobre aspectos sociais e o impacto da invisibilidade em culturas que enfrentam processos de apagamento.

REFERÊNCIAS

BEJA, Olinda. **Chá do Príncipe**. Portugal: Rosa de Porcelana, 2017.

BHABHA. Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura; O esquema de Machado de Assis**. *In*: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FERREIRA, Manuel. **Contextualização da Língua Portuguesa**. In: *O Discurso no Percurso Africano*. Lisboa: Plátano, 1989.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Ática, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. *In*: Comunicação & Cultura, Lisboa, n. 1, p. 21-35, 2006.

HENRIQUES, Isabel Castro. **São Tomé e Príncipe:** a invenção de uma sociedade. Lisboa: Vega Editora, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATA, Inocência**. Diálogo com as Ilhas (sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe)**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

MATA, Inocência. **Lusofonia e história:** Aferições de pertença luso-afónicas?. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, n. 5, p. 105-127, 2015.

MATA, Inocência. **O espaço por quem o vive:** para uma geocrítica do espaço ficcional na literatura são-tomense. Belo Horizonte: Portal Literafro – UFMG, 2023.

NOA, Francisco. **Perto do fragmento, a totalidade:** Olhares sobre a literatura e o mundo. São Paulo: Editora Kapulana, 2015.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Onde canta o ossobó**: vozes literárias femininas do arquipélago de São Tomé e Príncipe. In: SONCELLA, Josely Bogo Machado (Org.). Literatura Portuguesa III: letras. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

SANTOS, Thaíse de Santana. **Contos que recontam histórias:** figurações identitárias na literatura de Olinda Beja. 2019. 89 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

SCARTON, Mithiele da Silva. **Identidades em movimento:** uma análise da memória enquanto ferramenta de construção identitária santomense na obra de Olinda Beja. 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SEIBERT, Gerhard. A política num Micro-Estado: São Tomé e Príncipe, ou os conflitos pessoais e políticos na génese dos partidos políticos. *In*: Lusotopie, n°2, 1995. **Transitions libérales en Afrique lusophone**, p. 239-250.

SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1989.